

## DE SAUSSURE A BENVENISTE: VALOR DA LÍNGUA, DOS ANAGRAMAS E DO DISCURSO

DE SAUSSURE À BENVENISTE: VALEUR DE LA LANGUE, DES ANAGRAMMES ET DU DISCOURS

Camila Pilotto Figueiredo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo explicitar como o princípio do valor, em conjunto com o princípio da linearidade, se apresenta no *corpus* relativo aos estudos de linguística geral e na pesquisa de Saussure acerca dos anagramas. A partir daí, serão explicitados os desdobramentos desses princípios nos estudos benvenistianos acerca da arte e da literatura. Será evidenciado que o valor também está presente na esfera discursiva, contendo aspectos que o aproximam da noção de valor desenvolvida por Saussure nos anagramas. Tal relação permite o desenvolvimento de princípios próprios ao plano discursivo.

**Palavras-chave:** Princípio do valor; língua; anagramas; arte e literatura; discurso.

**RÉSUMÉ:** On envisage, dans cet article, d'expliciter la façon dont le principe de la valeur, en conjonction au principe de linéarité, se présente dans le *corpus* de linguistique générale et dans la recherche de Saussure par rapport aux anagrammes. Ensuite, on explicitera les dédoublements de ces principes dans les études benvenistiennes à propos de l'art et de la littérature. On va mettre en évidence que le principe de valeur est présent aussi dans la sphère discursive, contenant des particularités qui le rapprochent de la valeur développée par Saussure dans les anagrammes. Ce rapport permet le développement de principes spécifiques au plan discursif.

**Mots-clés:** Principe de la valeur; langue; anagrammes; art et littérature; discours.

### 1 Introdução

Sabe-se que a Semiologia foi uma ciência prospectiva pensada por Saussure sobre a qual ele jamais publicou algum trabalho. As ideias que dela conhecemos advêm ou de manuscritos encontrados posteriormente a seu falecimento, ou ainda, de referências feitas por terceiros,

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFPel. Professora no Curso de Licenciatura em Filosofia a Distância da Universidade Federal de Pelotas (UAB). Integrante dos projetos de pesquisa Émile Benveniste e a abertura para uma antropologia histórica da linguagem e Retorno a Saussure: Releituras. Membro do GT da ANPOLL Estudos Saussurianos.

como as de Adrien Naville, na obra *Nouvelle Classification des sciences* ou as notas dos alunos ao longo dos três cursos de linguística geral (CHIDICHIMO, 2011). Dessas notas, algumas menções são encontradas nas lições de 12 e 16 de novembro de 1908 - concernentes ao segundo curso -, bem como nas lições de 04 de novembro de 1910 e 25 de abril de 1911, referentes ao terceiro curso. (HENRIQUES, 2019)

Consequentemente, são poucas as exemplificações de sistemas semiológicos no corpus saussuriano. No Curso de Linguística Geral (CLG), por exemplo, são dados como exemplos os sistemas de escrita, a língua de sinais, os ritos simbólicos e os sinais militares. Não há, nessa obra, maior desenvolvimento de como os princípios semiológicos operam nesses sistemas, entretanto, isso não significa que, para Saussure, não fosse importante considerar seu funcionamento em contextos que não o da língua.

Onde a semiologia parará? É difícil dizer. Essa ciência verá seu domínio se estender ainda mais. Os signos, os gestos de polidez, por exemplo, nela caberiam; são uma linguagem na medida em que significam alguma coisa; são impessoais - exceto pela nuance, mas pode-se dizer a mesma coisa dos signos da língua - não podem ser modificados pelo indivíduo e se perpetuam fora dele. Será uma das tarefas da semiologia marcar os graus e as diferenças; assim os signos da língua são totalmente arbitrários enquanto em certos atos de polidez < (como o Chinês que se prosterna nove vezes diante de seu imperador tocando a terra!) > perderão essa característica de arbitrariedade para se aproximar do símbolo. (SAUSSURE, 1996, p. 10)

Essa nota, presente no caderno de Riedlinger, aponta para as diversidades possíveis do desenvolvimento da semiologia, não só no que tange aos sistemas semiológicos a ela pertencentes, como ao modo de operação de seus princípios regentes. Quando é dito que a semiologia deverá marcar graus e diferenças, percebe-se que não necessariamente os princípios operarão de modo similar. O exemplo dado na própria passagem é referente ao princípio da arbitrariedade do signo: enquanto na língua encontramos o arbitrário radical, em seu grau máximo, no sistema dos atos de polidez, haverá maior motivação, o que o torna mais próximo do símbolo<sup>2</sup>.

Para o linguista, a investigação acerca dos princípios semiológicos era de toda a importância. No CLG, encontramos uma preciosa informação acerca da relevância da semiologia para a compreensão do que seja a natureza da língua:

Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem; e fatores linguísticos que aparecem, à primeira vista, como muito importantes (por exemplo: o funcionamento do aparelho> vocal), devem ser considerados de secundária importância quando sirvam somente para distinguir a língua dos outros sistemas. Com isso, não apenas se esclarecerá o problema linguístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e

---

<sup>2</sup> O vínculo motivado entre significado e significante, que caracteriza o símbolo, é atestado também no CLG: O símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo. Cf. SAUSSURE (2006, p. 82)

sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência. (SAUSSURE, 2006, p. 25)

Notemos que não só o sistema da língua será beneficiado por esses princípios comuns, mas também os demais sistemas serão melhor compreendidos em suas naturezas, aparecendo "sob outra luz". Trata-se de uma via de mão-dupla, que enriquece a compreensão dos sistemas semiológicos em geral.

Se a linguística é o padrão da semiologia, por realizar melhor do que os outros sistemas o ideal do princípio da arbitrariedade, o princípio da diferença<sup>3</sup>, relativo ao valor linguístico, é um ponto de chegada na teoria saussuriana de importância tão grande quanto, visto que tal princípio explica como os signos se constituem e se relacionam entre si. É o que se constata a partir das palavras de Saussure, conforme a edição crítica de Rudolf Engler (CLG/E):

A lei absolutamente final da linguagem é <ousemos dizê-lo> que nada, nunca, pode residir em *um* termo (em consequência direta do fato de os símbolos linguísticos não terem relação com o que devem designar), portanto que <a é impotente para designar qualquer coisa sem a ajuda de b (e, além do mais, apenas é potente contanto que b' lhe crie um valor, e reciprocamente, de tal modo que nada mais haja senão diferenças), e este, do mesmo modo, sem a ajuda de a; <ou> que ambos valem por sua <diferença recíproca>, ou que nenhum vale, nem mesmo por uma parte qualquer de si mesmo ("a raiz" etc., suponho)>, a não ser por esse mesmo plexo de diferenças eternamente negativas. (CLG/E 1903 N10, tradução nossa)<sup>4</sup>

Aqui, percebe-se claramente Saussure pensando o valor a partir da perspectiva de seu funcionamento no sistema da língua, entretanto, como se trata de um princípio semiológico, fica claro que ele estará presente em outros sistemas. Visto que as diferenças e graus não são específicos da arbitrariedade - pois, como vimos, trata-se de um exemplo de um fenômeno mais amplo -, podemos questionar também em que medida o princípio do valor se modifica quando em operação noutros sistemas semiológicos.

Tendo em mente o que foi dito, o presente artigo tem por objetivo abordar como o princípio do valor - acompanhado do princípio da linearidade<sup>5</sup> - se apresenta não só no corpus relativo aos estudos de linguística geral, mas também nas pesquisas saussurianas acerca dos anagramas. A partir dessa perspectiva, iremos em direção a seus desdobramentos nos estudos

<sup>3</sup> Também denominado princípio do valor.

<sup>4</sup> "La loi tout à fait finale du langage est <à ce que nous osons dire> qu'il n'y a jamais rien qui puisse résider dans *un* terme (par suite directe de ce que les symboles linguistiques sont sans relation avec ce qu'ils doivent désigner), donc < que a est impuissant à rien désigner sans le secours de b (et n'est puissant de plus qu'en tant que b' lui crée une valeur, et réciproquement, de sorte qu'il n'y a plus rien que des différences [biffé])>, celui-ci de même sans le secours de a; <ou> que tous deux ne valent donc que par leur <reciproque différence, ou> qu'aucun ne vaut, même par une partie quelconque de soi (je suppose "la racine" etc.), autrement que par ce même plexus de différences éternellement négatives".

<sup>5</sup> Compreendemos que, na teoria saussuriana, os princípios semiológicos estão em íntima conexão uns com os outros. Desse modo, a análise do princípio do valor não poderia ser realizada isoladamente. Se investigamos o princípio do valor em conexão explícita apenas ao princípio da linearidade, é pela necessidade de realizarmos um recorte de pesquisa. Entretanto, entendemos que essa investigação poderia ser ampliada incluindo-se de modo explícito também os demais princípios semiológicos, como o princípio da arbitrariedade, os princípios de continuidade e alteração do signo, o princípio do mecanismo da língua, dentre outros.

benvenistianos acerca da arte e da literatura. Evidenciaremos que o princípio do valor também se apresenta na esfera discursiva, contendo particularidades que o aproximam do valor desenvolvido por Saussure nos anagramas e que permitem que sejam desenvolvidos princípios próprios ao plano discursivo.

A metodologia empregada será de cunho bibliográfico. Como obras principais, para pensar a teorização saussuriana, utilizaremos o *Curso de Linguística Geral* (CLG) e a obra *As Palavras sob as Palavras - os anagramas de Ferdinand de Saussure* (STAROBINSKI, 1971). Como obras de apoio ao CLG, faremos uso da edição crítica de Rudolf Engler (CLG/E), bem como de notas do *Segundo Curso de Linguística Geral*. Nossa análise de Benveniste terá como textos principais o capítulo "Semiologia da Língua", publicado em *Problemas de Linguística Geral II* (1989), bem como diversos excertos publicados por Chloé Laplantine acerca da análise da poética de Baudelaire por Benveniste. Por fim, serão utilizados, como literatura secundária, diversos artigos que contribuam para enriquecer a temática abordada, tanto de pesquisadores nacionais quanto internacionais.

## 2 O valor da língua<sup>6</sup>

A língua é um sistema de signos que se caracterizam por seu valor. No CLG, encontramos de modo claro que os valores só existem a partir das relações de oposição entre os signos do sistema, o que significa que eles não possuem valor por si mesmos, que o sistema não é o resultado de uma soma de signos e que o valor de cada termo resulta justamente da oposição que possui em relação aos outros signos.

Uma das formas encontradas para caracterizar o valor, no CLG, encontra-se na seguinte passagem: "na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade" (SAUSSURE, 2006, pp.137-141). Dessa definição, pode-se extrair a conhecida consequência de que um signo é tudo aquilo que os outros não são.

Para entendermos como funciona o valor, não basta, entretanto, apontarmos sua definição. É importante ressaltar como ele opera na língua, no sentido de compreendermos os tipos de relação que se estabelecem entre os signos os quais geram o valor:

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, *cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores*; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua. (SAUSSURE, 2006, p.142, *grifo do autor*)

Essas duas formas de atividade mental, que geram ordens de valores, as quais operam simultaneamente e caracterizam o modo de funcionamento da língua, seu mecanismo, são denominadas, no CLG, *relações sintagmáticas* e *relações associativas*.

---

<sup>6</sup> Não temos a pretensão de trazer um panorama aprofundado acerca da noção de valor linguístico. Buscamos delinear apenas alguns traços fundamentais para que possamos, ao longo do artigo, mostrar em que sentido a noção de valor vai se desenvolvendo e como podemos aproximar valor linguístico de valor anagramático e, por fim, do valor discursivo.

As relações sintagmáticas dizem respeito à relação entre os termos encadeados de modo linear. Formam-se sintagmas cujos valores são delimitados pelos termos vizinhos: "um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos" (SAUSSURE, 1916, p. 142). Isso significa que, intimamente conectado às relações sintagmáticas, está o princípio da linearidade do significante, que postula o desenvolvimento dos sintagmas no tempo, possuindo a característica de extensão linear. Esse princípio fundamental limita, no âmbito da língua, o modo de ocorrência das relações sintagmáticas e, por conseguinte, como os termos adquirem valor, dentro desse eixo de relações.

No que tange às relações associativas, elas operam fora do discurso, dizendo respeito a relações cuja sede reside no cérebro de quem estabelece efetivamente tais conexões. São passíveis de serem criadas séries associativas diversas, dependendo do aspecto do termo a que se prende a atenção. No CLG (2006), é dado um exemplo a partir da palavra *enseignement*; se tomamos o radical da palavra como referência, podemos associá-lo a *enseigner*, *enseignons*, entre outros. Se partimos do sufixo *-ment*, outra série associativa pode surgir: *armement*, *changement*, etc. Ainda, ao considerarmos o termo pelo aspecto semântico, poderíamos associá-lo a *apprentissage*, *éducation*, etc.

Como mencionado, ambos os eixos ordenam conjuntamente o funcionamento do sistema, as relações entre os signos. Sendo assim, o valor de uma palavra empregada em um sintagma é estabelecido não só pelos seus termos vizinhos, mas pelas escolhas que não foram feitas ao se escolher determinada palavra na composição do sintagma. Se escolhermos utilizar no sintagma a palavra *recear*, ao invés de *temer*, o valor de *recear* se estabelece também por essa ausência de escolha do outro termo. Essas relações, como veremos, estarão presentes através da noção de valor nos estudos anagramáticos saussurianos.

### 3 O valor dos anagramas

No que tange à relação entre os estudos linguísticos e os estudos literários de Saussure, sabe-se que, concomitantemente ao período em que Saussure ministrava os cursos de linguística geral, o linguista se ocupava de pesquisas sobre as lendas e sobre os anagramas<sup>7</sup>. Apesar de ser parte da tradição filológica saussuriana a consideração de que esses estudos demonstrariam faces distintas de Saussure, chegando-se a considerar a existência até mesmo de quatro saussures diferentes<sup>8</sup>, é possível defender que as pesquisas em linguística geral, sobre os anagramas e sobre as lendas, dialogam entre si, mostrando pontos de contato relevantes. De acordo com Béatrice Turpin:

---

<sup>7</sup> Acerca desse ponto, Béatrice Turpin afirma (1995, p.1, *tradução nossa*): "Sabemos que quando Saussure ensinava linguística geral, ele estava interessado na poesia de tradição indo-européia, a fim de tentar descobrir suas leis de organização, e nos textos de lendas, na tentativa de identificar suas invariantes e suas regras de transformação ao longo do tempo. Recordemos, para constar, que o primeiro estudo sem dúvida começou no início de 1906, logo após sua estadia em Roma, realizada em janeiro (ao menos se tomamos como ponto de partida a pesquisa sobre o Saturnino); ela termina em abril 1909 (última carta a Pascoli). Ela é, portanto, pelo menos contemporânea aos dois primeiros cursos (janeiro de 1907-junho de 1909). O segundo estudo, já iniciado em dezembro de 1903, continua ainda em outubro de 1910, quando Saussure inicia seu terceiro curso".

<sup>8</sup> De acordo com Prosdocimi, a análise de Avalor, com relação à teoria saussuriana, levaria à sugestão de que haveria "quatro Saussures": o do *Mémoire*, o dos estudos anagramáticos, o do CLG e o Saussure das lendas. Cf. PROSDOCIMI (1983).

As pesquisas sobre os anagramas se inserem em uma reflexão mais geral sobre as leis métricas do verso, a qual não é dissociável de um interesse pelas leis rítmicas de uma língua e de uma reflexão sobre o lugar a concedê-las nos fenômenos de transformação linguística. Os estudos sobre os Nibelungen podem se unir a um estudo sobre a língua germânica e seu contexto cultural, <aspecto etnográfico> da língua que não é dissociado da linguística geral, como testemunha a composição do curso, notavelmente a última parte do Segundo Curso, na qual são abordadas as línguas germânicas e a primeira parte do Terceiro Curso, intitulado <As Lendas>. Desse ponto de vista, nós não temos fronteira clara entre os diferentes domínios<sup>9</sup> (TURPIN, 1995, p. 1, *tradução nossa*).

Essa ausência de fronteira clara pode ser questionada também pela perspectiva do valor, na medida em que a consideração sobre o funcionamento do sistema está presente em nas três pesquisas<sup>10</sup>.

No que tange ao estudo da poesia latina, é importante notar que não estamos defendendo que os anagramas sejam um sistema semiológico. Entretanto, isso não impede de entender que o linguista genebrino visualizava o modo de funcionamento anagramático como sistemático:

Em um sistema onde nenhuma palavra poderia ser mudada sem dificultar, a maior parte do tempo, muitas combinações no que se refere ao anagrama, em um tal sistema não se pode falar dos anagramas como de um jogo acessório da versificação, eles se tornam a base, quer o versificador queira ou não. (STAROBINSKI, 1971, p.23)

Assim sendo, nos estudos sobre os anagramas, podemos pensar cada poema como um sistema composto de regras, assim como a língua é regida pelos princípios semiológicos. Embora não haja coincidência necessária entre os princípios da língua e os princípios dos anagramas, em ambos os casos, a busca pelo funcionamento de um sistema por meio de leis ou princípios está em jogo e, também em ambos, a presença do princípio do valor é latente<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> "Les recherches sur les anagrammes s'insèrent dans une réflexion plus générale sur les lois métriques du vers, qui elle même n'est pas dissociable d'un intérêt pour les lois rythmiques d'une langue et d'une réflexion sur la place à leur accorder dans les phénomènes de transformation linguistique. Les études sur les Nibelungen peuvent se rattacher à une étude portant sur la langue germanique et son contexte culturel, « côté ethnographique » de la langue qui n'est pas dissocié de la linguistique générale, comme en témoigne la composition des cours, notamment la dernière partie du Cours II, dans laquelle sont abordées les langues germaniques, et la première partie du Cours III, intitulée « Les langues ». De ce point de vue, nous n'avons pas de frontière nette entre les différents domaines".

<sup>10</sup> Nesse artigo, nossa proposta visa a estabelecer pontos de contato acerca do valor na língua e do valor nos anagramas, entretanto, é evidente que a noção de valor aparece também nas lendas germânicas. De fato, Henriques (2019) explica que o interesse de Saussure, além de ser histórico, era semiológico. De acordo com a pesquisadora, Saussure visava a recuperar a história dos povos burgúndios através de um exame da lenda dos Nibelungos. Após realizar pesquisas históricas sobre esse povo e comparar os personagens históricos com os personagens lendários, o linguista genebrino sentiu a necessidade de investigar a lenda em seu aspecto de funcionamento, a qual compartilha das mesmas leis pertencentes à língua, o que leva à análise semiológica.

<sup>11</sup> Souza (2013, p.4) explica que grande parte dos pesquisadores do trabalho anagramático saussuriano busca situá-lo com relação aos três cursos de linguística geral. Daí derivam, em geral, quatro posicionamentos: (i) estudos que defendem uma oposição entre os anagramas e os Cursos; (ii) estudos que estabelecem contrapontos entre os principais conceitos presentes no CLG e aqueles presentes nos anagramas; (iii) estudos que mostram haver uma

Antes de adentrarmos a questão de como o princípio do valor aparece nos anagramas, convém compreender, de modo bastante introdutório, como Saussure concebe a organização dos procedimentos de construção anagramática. Para alcançarmos tal compreensão, consideremos a seguinte passagem:

1. Antes de tudo, impregnar-se das sílabas e combinações fônicas, de toda a espécie que poderiam constituir o TEMA. Este tema – escolhido por ele mesmo ou fornecido por aquele que pagava a inscrição –, é composto por apenas algumas palavras, quer seja unicamente de nomes próprios, quer seja de uma ou duas palavras anexadas à parte inevitável dos nomes próprios.

O poeta deve, então, nesta primeira operação colocar diante de si, tendo em vista seus versos, o maior número possível de fragmentos fônicos que ele pode tirar do tema: por exemplo, se o tema, ou uma das palavras do tema é *Hercolei*, ele dispõe dos fragmentos - *lei* -, ou - *cõ* -; ou com um outro corte das palavras, dos fragmentos - *õl* -, ou *ēr*; por outro lado, de *rc* ou de *cl* etc.

2. Deve então compor seu trecho introduzindo em seus versos o maior número possível desses fragmentos, por exemplo, *aflecta* para lembrar *Hercolei*, e assim por diante. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1971, p. 19)

Vejamos que a passagem citada indica que, primeiramente, há a escolha de uma palavra-tema (hipograma); em seguida, há o levantamento das unidades fônicas que podem ser extraídas a partir da palavra tema e, por fim, há a composição do poema com o emprego, o maior possível, desses fragmentos fônicos ao longo dos versos.

A definição de anagrama pode ser sintetizada, segundo Silva (2009, p.146) como "o processo responsável pela diluição do hipograma nos versos". Acerca desse ponto, é importante salientar que o anagrama saussuriano difere significativamente da noção de anagrama compreendida usualmente. Como bem ressalta Souza (2017), a concepção tradicional de anagrama diz respeito à transposição de letras para formar novas palavras, ou seja, tem base na leitura de caracteres escritos, ao passo que a concepção de anagrama saussuriana tem por base as unidades fônicas e suas combinações.

Saussure elenca diversas regras de agrupamento que devem ser seguidas para a distribuição dos fonemas nos versos, com base no princípio do difono<sup>12</sup>. Isso significa que não

---

tensão entre os Cursos e os anagramas; iv) estudos que aproximam anagramas e os cursos numa perspectiva de convergência total. Como ficará cada vez mais evidente, ao longo da leitura do artigo, nos aproximamos da perspectiva (iv), com a diferença não de atestarmos uma convergência total entre as produções, mas de indicarmos pontos de encontro entre o CLG e os anagramas.

<sup>12</sup> Saussure buscou identificar regras para detectar os anagramas e seus fonemas hipogramáticos. A princípio, identificou a lei do acoplamento. Entretanto, mais adiante, substituiu essa lei pelo princípio do difono, o qual sustenta que os fonemas hipogramáticos jamais se encontram sozinhos num verso (SILVA, 2009). A partir desse princípio, seriam derivadas diversas regras de agrupamento, as quais são sintetizadas por Silva (2009) da seguinte maneira: "1) O difono contido numa palavra se anexa à **inicial** da palavra para se combinar com ela em trífono (3 fones) [sem a faculdade de mudar de ordem]; 2) O difono contido numa palavra se anexa à **final** da palavra para se combinar com ela em trífono [sem faculdade de mudar de ordem]; 3) Um difono inicial se anexa a um monófono interior. Esta regra oferece mais possibilidades do que as anteriores, pois se pode escolher qualquer monófono interior. Contudo, a mudança de ordem também está vetada; 4) Um difono final se anexa a um monófono interior. Assim como na terceira regra, é lícito escolher qualquer monófono interior, desde que não se mude de ordem; 5) Um difono interior se anexa a um monófono igualmente interior. Esta parece ser a regra limite, pois tudo que a ultrapasse não é permitido pelo anagrama. (SILVA, 2009, p. 147)"

basta dispor os fonemas hipogramáticos de modo aleatório ao longo do poema; existe uma ampla diversidade de regras que regulam seu modo de distribuição.

Por fim, é relevante ressaltar o papel da noção de manequim. Trata-se de um grupo de palavras cujo fonema inicial e final correspondem aos fonemas iniciais e finais da palavra-tema. O manequim serve como um índice, na medida em que, dentre o primeiro e o último fonema do manequim, há maior chance de encontrar aqueles que constituem da palavra-tema; assim, no caso da produção do poema, o poeta reservará ao manequim o espaço de maior alocação dos fonemas. (SILVA, 2009)

Um dos exemplos mais claros de análise fornecidos por Saussure diz respeito aos treze primeiros versos do poema *De rerum natura*, de Lucrécio. Tais versos são divididos em três frases: frase 1-5, frase 6-9; frase 10-13. Em cada uma dessas frases, encontra-se um anagrama de Afrodite. Consideremos o anagrama nº 01, que corresponde aos versos 1-5, abaixo citados (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1971, pp.56- 59):

[I] Aeneadum genetrix, **hominum diuomque** uoluptas,

[A DI OD<sup>13</sup>]

alma Venus, caeli subter labentia signa

quae mare nauigerum, quae terras frugiferentis

[FR- ]

concelebras, per te quoniam genus omne animantum

[TE]

concipitur, uisitque exortum luminas solis<sup>14</sup>.

[ IT IT RO]

No processo de produção do poema, primeiro, escolhe-se a palavra tema, *Afrodite - Ap(h)rodite*. A partir dela, seleciona-se o manequim, nesse caso *Aeneadum genetrix, hominum diuomque*, o qual deve conter - como é o caso - o fonema inicial e final correspondente aos fonemas iniciais e finais da palavra-tema. Em seguida, trata-se de espalhar os fonemas, sempre respeitando ao dífono e às regras de agrupamento, além de considerar sempre o ponto de partida do manequim e ter em mente a maior probabilidade de encontro de fonemas nele. No excerto analisado temos, então, - A -DI -OD - FR - TE -IT - IT -RO, organizado linearmente - apenas para melhor visualização do hipograma: -A -FR -RO -OD - DI -IT - IT -TE.

<sup>13</sup> Saussure explica que esse dífono, o qual não é imediatamente identificado no primeiro verso, é "vivamente evocado por *hominum diuomque* (ver Manequim); mas por um artifício que considera a estrutura do manequim e não depende senão do gênero de imitação que este tem em vista para si mesmo, sem poder contar de outra maneira como execução de sílaba". Cf. STAROBINSKI (1971, p.59)

<sup>14</sup> "Genetrix dos Enéades, prazer de homens e de deuses, alma Vênus, sob os signos errantes do céu, que o mar navegado, e que as terras frugíferas povoas, por ti, uma vez que todo o gênero dos viventes é concebido e nascido avista a luz do sol". Cf. CARUS (2016, p.09)

O leitor pode ter notado que, no último verso, o qual formaria o fonema RO, parte-se dos fonemas relativos a *exortum*, de modo que há um deslocamento de -or para formar o dífono RO. A fim de compreendermos por que é possível tal deslocamento, necessitamos justamente compreender a concepção de valor, bem como o modo de operação de outro princípio a ela interligado, presente no plano anagramático. Acerca desse ponto, consideremos a seguinte passagem:

O princípio do dífono quer dizer que se representam as sílabas na consecutividade de seus elementos. [...] Que os elementos que formam uma palavra se sucedem, é uma verdade que seria melhor não considerar, em linguística, como uma coisa sem interesse pelo fato de ser evidente, mas que dá, ao contrário, de antemão o princípio central de toda a reflexão útil sobre as palavras. Num domínio infinitamente especial como este que temos de tratar, é sempre em virtude da lei fundamental da palavra humana em geral que se pode colocar uma questão como a da consecutividade ou não-consecutividade, e desde a primeira. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1971, pp.34-35)

Enquanto no domínio da língua a linearidade é um princípio fundamental, o qual influencia, como vimos, inclusive como se constituem os signos no sistema, aqui, nesse domínio distinto, mas relacionado ao âmbito da língua, é necessário questionar em que medida o princípio da linearidade do signo se restringe à consecutividade. Saussure levanta, então, a possibilidade da não-consecutividade.

Silveira (2020) ressalta que, no tempo da não-consecutividade, a lógica da linearidade é outra, trata-se não de estabelecer uma perspectiva contínua, em uma só extensão, mas de detectar o que está contido nos pontos que se seguem uns aos outros<sup>15</sup>. Para a pesquisadora,

[...] quando no domínio da consecutividade, os fonemas podem alcançar diferentes modelos de organização, suspendendo a linha horizontal para projetar-se em arcos de ascensão e declínio nas mais diversas camadas do texto, apesar desses mesmos fonemas estarem aptos a promover uma composição integral, numa constante. Interpreto essas duas noções como interdependentes, dado que a consecutividade se encontra a favor do ordenamento linear do signo linguístico e a linearidade cumpre o papel imprescindível de carregar os traços da consecutividade. (SILVEIRA, 2020, p.43)

Assim, parece correto dizer não que Saussure abandone o princípio da linearidade, quando se dedica à análise do plano anagramático, mas que esse princípio se abre para a possibilidade de uma linearidade não-consecutiva. Há, pois, um alargamento nesse princípio:

Podese dar TAE por ta+te, isto é, convidar o leitor não mais a uma justaposição na consecutividade, mas a uma média das impressões acústicas

---

<sup>15</sup> Essa observação da pesquisadora vai ao encontro do esclarecimento que Starobinski realiza acerca do tempo nos anagramas. Embora também digamos que o poema está sujeito ao fator tempo, trata-se de um tempo não-linear: "saimos do tempo da 'consecutividade' próprio da linguagem habitual". Cf. STAROBINSKI (1971, p.34)

fora do tempo? fora da ordem linear que é observada se eu tenho TAE por TA-AE ou TA-E, mas não o é se eu o tenho por ta + te a amalgamar fora do tempo como eu poderia fazê-lo com duas cores simultâneas. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1971, p.35)

Percebe-se o escape da lógica da linearidade na medida em que não se tem mais justaposição, mas uma média de impressões acústicas. Nos versos de *De Rerum Natura*, anteriormente citados, vimos que há exatamente uma média das impressões na medida em que, dos fonemas - A -DI -OD - FR - TE -IT - IT -RO, chega-se ao hipograma *Afrodite*. Constitui-se, aqui, uma nova forma de pensar a sintaxe. (DESSONS, 2006)

Se, nesse âmbito, a linearidade pode ser não-consecutiva, tal mudança terá consequências fundamentais no que tange ao modo de funcionamento do valor, o qual será, aqui, um princípio tocado pelos efeitos dessa abertura do princípio da linearidade:

[...] Um T- inicial (tela) ou um final -T (habet) não vale absolutamente nada se permanece isolado: ele adquire valor unicamente em razão da inicial-final que o segue, ou o precede, com a qual ele pode formar um dífono como -A-T ou como T-A-, como R-T ou como T-R. Fora desse complemento, o valor é nulo. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1971, p.35)

Aqui, o valor de um fonema, além de ser dependente das regras de agrupamento, depende da existência, não-consecutiva, das outras unidades fonéticas que compõem o hipograma. Isso significa que esses fonemas só adquirem valor em conjunto, não podendo ser vistos isoladamente ao poema; de fato, eles não se constituiriam como tais se não compusessem a palavra-tema que guia a estruturação do poema.

As regras de agrupamento levantadas por Saussure permitem que vislumbremos o modo como as relações associativas são possíveis no jogo anagramático. Se um dífono fosse substituído por outro, isso acarretaria uma mudança tanto nos demais dífonos ou trífonos - já que o poeta necessitaria de outras mudanças para que o hipograma estivesse presente em sua integridade - quanto levaria a uma mudança na própria composição do poema como um todo.

A partir da análise dos anagramas, Saussure abre espaço, então, para uma concepção de valor implicada por outra organização temporal. Sua visão da poesia clássica, de acordo com Starobinski, era de que a poesia é uma arte combinatória "cujas estruturas desenvolvidas são tributárias de elementos simples, de dados elementares que a regra do jogo obriga todo o conjunto a conservar e a transformar". (STAROBINSKI, 1971, p. 113)

#### 4 O valor do discurso

Benveniste, em *Semiologia da Língua*, propõe ultrapassar o signo saussuriano como princípio único de funcionamento da língua, indicando a necessidade de abertura da dimensão discursiva de significância. É através da análise dos princípios semiológicos saussurianos que Benveniste chega a essa abertura, mostrando-se alguém que, compreendendo de modo global o pensamento do genebrino, é capaz de expandir sua teorização para horizontes que em Saussure não pudera fazer.

Poderíamos supor que, dado que os princípios semiológicos saussurianos dizem respeito ao domínio chamado por Benveniste de semiótico, eles não estariam presentes no domínio semântico. Ocorre que a separação entre semiótico e semântico em Benveniste é metodológica, sendo inexato pressupor uma cisão entre os dois domínios. Meschonnic explica que, de fato, há quatro princípios saussurianos que fundam a poética do discurso benvenistiana:

O “radicalmente arbitrário” do signo, condição da historicidade radical da linguagem e do discurso; o pensamento do funcionamento ao mesmo tempo contra a origem e contra as “subdivisões tradicionais” (léxico, morfologia, sintaxe); o valor contra a noção de sentido; e o sistema, contra o historicismo, a nomenclatura, e também a estrutura com a qual o estruturalismo confundiu a noção de sistema. (MESCHONNIC, 1982 *apud* DESSONS, 2006, p. 184, *tradução nossa*)<sup>16</sup>

Chloé Laplantine, em sua tese de doutorado, avança na investigação de manuscritos benvenistianos acerca da obra de Baudelaire, estando em consonância com Dessons na defesa de que Benveniste desenvolve uma poética do discurso. Tal leitura do linguista tem como base uma releitura de Saussure que é crítica de uma interpretação estruturalista por parte do genebrino.

A poética do discurso de Benveniste não se constitui como domínio à parte dos estudos de linguística. Laplantine defende que os estudos linguísticos benvenistianos já são uma poética; seus estudos linguísticos, em conjunto com os estudos sobre os manuscritos de Baudelaire, além de outros estudos literários<sup>17</sup> revelam um projeto, "uma continuidade de trabalho e de pesquisa", uma semântica. (LAPLANTINE, 2008a, p.148)

Laplantine (2008a) explica que, em *Semiologia da Língua*, já há um interesse de Benveniste acerca do modo de significação da literatura, sendo ela parte dos estudos sobre arte<sup>18</sup>. Laplantine (2008a) explica que a arte é o ponto nuclear de investigação do linguista nesse escrito. É isso porque a literatura coloca em crise um modo de representação do mundo e da linguagem, de modo a ser necessário recolocar a questão da linguagem a partir da literatura.

É necessário, pois, uma mudança de olhar, de métodos e instrumentos, sendo elaborada uma inversão de perspectiva, no sentido de que seria a partir da linguagem poética que se compreenderia a linguagem ordinária, e não o contrário. (LAPLANTINE, 2008a.)

Acerca da reflexão benvenistiana sobre a arte, Henri Meschonnic (2012) realiza algumas observações importantes. Para o autor, foi fundamental que Benveniste dissociasse unidade e signo, afirmando que o signo é sempre uma unidade, mas que a unidade pode não ser um signo, como no caso da arte. Meschonnic defende que, se consideramos uma obra completa

<sup>16</sup> Alguns desses princípios, como o do funcionamento e o do sistema, embora em Saussure não sejam denominados princípios, o são no pensamento benvenistiano, posto que são pontos de partida para o desenvolvimento de sua teoria.

<sup>17</sup> Cf. LAPLANTINE (2008a, p. 157 ss).

<sup>18</sup> Laplantine (2008a) menciona que, em um rascunho preparatório para a escrita de *Semiologia da Língua*, encontramos a reflexão de Benveniste acerca da literatura no interior de sua reflexão sobre a arte: "O sistema da significação artística é o sistema que se enuncia no interior de uma composição fechada, e por um jogo de oposições que o artista cria livremente [...]. Seria necessário verificar se a semiótica literária não se encaixaria também na mesma condição: não haveria mais questões a se colocar sobre a significação objetiva; a via seria aberta em direção a um outro tipo de análise. (EB L3 *apud* LAPLANTINE 2008a, pp. 155-156, *tradução nossa*)

como uma unidade, tal como vimos em Benveniste, na poética dizemos também que a unidade não é um signo e que a obra poética não se compõe de signos. Mas essa afirmação traz à tona o questionamento acerca do quê, afinal, compõe a unidade da poética.

O questionamento sobre a unidade da poética é fundamental para Benveniste, sendo constatável nos manuscritos que versam sobre a poética de Baudelaire:

Parece que a língua poética nos revela um tipo de língua do qual nós até o presente apenas desconfiamos sobre a extensão, a riqueza, a natureza singular. A língua poética deve ser considerada nela mesma e por ela mesma. Ela possui um outro modo de significação que a língua ordinária, e ela deve receber um aparelho de definições distintas. Ela demandará uma linguística diferente<sup>19</sup>.

(BAUDELAIRE, 19, f°51 / f°191, *apud* LAPLANTINE 2008b, *tradução nossa*)<sup>20</sup>

Essas categorias distintas já estão pressupostas quando Benveniste, ao final de *Semiologia da língua*, afirma ser necessário ultrapassar o signo como princípio único, através da análise intralinguística e translinguística, o que comportará instrumentos e método próprio. Aqui, mais do que a busca de um objeto distinto, há a busca por um novo modo de significar.

Se para Benveniste, a unidade do discurso é a frase, para a linguagem poética, a unidade é o *ícone*. Lembrando que os estudos da linguagem de Benveniste já constituem uma poética, entendemos que se abre espaço para pensar o ícone como ultrapassando a unidade da palavra. Benveniste contrapõe ícone a signo: o signo é unidade da linguagem tradicional, sendo o mesmo para todos, sendo conceitual; o ícone, por sua vez, é sempre único, estando no âmbito do "jamais-ainda-percebido". O ícone implica uma subjetivação, pois ele existe a partir das experiências e emoções do poeta, mas também do leitor, na medida em que aquele que lê, também através de suas vivências e emoções re-produz a realidade, produz uma nova realidade. (LAPLANTINE, 2008a)

Isso não implica, todavia, que a ultrapassagem em método, instrumentos, categorias de análise e mesmo ultrapassagem em princípios estejam em desacordo ou que excluam o corpo conceitual de princípios desenvolvidos a partir do pensamento saussuriano. Na verdade, percebemos um movimento, a partir da teoria enunciativa do discurso, de desenvolvimento

<sup>19</sup>A importância do pensamento sobre essas novas categorias se repete em outro excerto dos manuscritos sobre Baudelaire: "(Eu penso, no fim das contas, que a análise da língua poética exige em toda a extensão do domínio linguístico categorias distintas. Não se saberia ser suficientemente radical. Seria necessário assentar: uma fonética poética, uma sintaxe poética, uma gramática poética, uma lexicologia poética)". (BAUDELAIRE, 22, f°67/ f°319, *tradução nossa*)

<sup>20</sup>"Il semble que la langue poétique nous révèle un type de langue dont on a jusqu'à présent à peine soupçonné l'étendue, la richesse, la nature singulière. La langue poétique doit être considérée en elle-même et pour elle-même. Elle a un autre mode de signification que la langue ordinaire, et elle doit recevoir un appareil de définitions distinctes. Elle appellera une linguistique différente".

desse novos instrumentos em consonância com princípios importantes do conjunto teórico saussuriano.

Desse modo, mesmo na reflexão sobre a poética benvenistiana, o princípio da linearidade será tomado tal como apresentado nos anagramas. Nos manuscritos de Benveniste a respeito da poesia de Baudelaire, encontra-se uma passagem em que evidentemente o linguista faz referência à reflexão saussuriana acerca da consecutividade a partir dos anagramas, anteriormente apresentada:

Essas palavras se sucedem; elas se combinam e compõem  
figuras novas. Aqui vale a observação profunda  
de Saussure sobre a consecutividade como princípio fundamental  
(Anagramas de F. de S. Merc. De Fr. 1964, p.254).

(BAUDELAIRE, 22, fº42 / fº 284 *apud* LAPLANTINE 2008b, *tradução nossa*)<sup>21</sup>

Gerard Dessons (2006) afirma que a noção de consecutividade, mencionada por Benveniste a partir de Saussure, servirá nos dois linguistas como um conceito crítico que coloca em questão a consecutividade como o único modo, unidimensional, de significar na linguagem. Assim, inspirado na reflexão acerca da não-consecutividade, Benveniste desenvolverá o "princípio de agenciamento das palavras no discurso poético" (DESSONS, 2006, p. 195). A ideia desse princípio é resumida no seguinte excerto de Benveniste:

Em poesia o sintagma vai além de  
limites  
seus ~~dimensões~~ gramaticais; ele abrange  
a comparação, o entorno muito grande,  
talvez a rima.

(BAUDELAIRE, 12, fº6 / fº58 *apud* LAPLANTINE 2008b, *tradução nossa*)<sup>22</sup>.

Esse princípio é fundamental, levando Benveniste a conceber uma nova maneira de pensar a sintaxe (DESSONS, 2006). De fato, Benveniste conclui ser necessário desenvolver não só uma nova sintaxe, mas também outras categorias linguísticas: "Seria necessário assentar: uma fonética poética, uma sintaxe poética, uma gramática poética, uma lexicologia poética". (BAUDELAIRE, 22, fº67/ fº319, *tradução nossa*)

Mesmo estando de acordo com a importância do princípio da linearidade não-consecutiva para a formação do princípio de agenciamento das palavras, entendemos que esse último não vem a existir exclusivamente a partir do primeiro. Na verdade, a linearidade não-

<sup>21</sup> "Ces mots se suivent ; ils se combinent et composent des figures neuves. Ici vaut l'observation profonde de Saussure sur la consécuitivité comme principe fondamental. (Anagrammes de F. de S. Merc. De Fr. 1964, p.254)"

<sup>22</sup> "En poésie le syntagme s'étend plus loin que ses ~~dimensions~~ limites grammaticales ; il embrasse la comparaison, l'entourage très large, parfois la rime".

consecutiva desemboca em uma visão de valor próxima àquela atestada nos anagramas, a qual torna possível, na poética benvenistiana, o princípio do agenciamento das palavras.

Em *Semiologia da língua*, vislumbramos já a pressuposição das operações do princípio do valor quando Benveniste postula o princípio da não-transistematicidade da língua, o qual significa que pode haver dois signos materialmente idênticos em sistemas semiológicos distintos, mas isso não implica que haja sinonímia entre elas<sup>23</sup>. Entretanto, esse princípio aparece de modo mais significativo quando Saussure está abordando o sistema não-linguístico da arte. Não obstante, aqui percebemos uma mudança fundamental no modo de apresentação desse princípio, visto que já estamos no domínio do semântico e que teremos, pois, um valor do discurso.

No sistema das artes plásticas, é importante lembrarmos que Benveniste afirma não ser claro dizer se é possível falar de unidades. Uma das características mais interessantes desse sistema é que, nele, o artista cria sua própria semiótica e estabelece ele mesmo os valores entre os elementos significantes de sua obra. Temos uma visão de valor engendrado pelo próprio artista, dentro de uma obra cuja base não parte de signos existentes; os signos são efeito do engendramento do valor dado pelo artista, o que significa que "a arte não é jamais aqui senão uma obra de arte particular" (BENVENISTE, 1989, p.60) e que cada sistema também é único. Tem-se o semântico sem o semiótico, visto que há significação mesmo sem o estabelecimento de unidades, fundamentais na semiótica saussuriana<sup>24</sup>.

De modo aproximado, o valor dos difonos que compõem os hipogramas, também é engendrado pelo poeta, na medida em que ele busca diluir as unidades fonéticas ao longo do poema. Como resultado, temos um efeito de sentido diferente daqueles que resultam do valor convencional, pois a palavra-tema, sobre a qual o anagrama gira, se repete em mais de uma dimensão temporal. Não se estranha, então, que uma das hipóteses de Saussure para a origem do procedimento anagramático seja a de que o efeito das preces religiosas seria causado a partir do hipograma do nome divino diluído ao longo do texto. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1971)<sup>25</sup>

É importante notar que, apesar de tudo, há uma diferença importante no processo de engendramento relativo aos anagramas e aquele reservado ao poeta, na perspectiva da poética do discurso. Ao passo que, nos anagramas, o poeta possui liberdade para estabelecer quais serão os fonemas hipogramáticos, bem como o próprio hipograma, seu engendramento obedece a uma série de regras que devem ser seguidas rigidamente. Diferentemente, entendemos que, na poética do discurso, o poeta tem liberdade mesmo para estabelecer as regras de criação do

<sup>23</sup> A razão dessa impossibilidade dá-se justamente pela noção de valor: um signo vale pelos outros signos que compõem o sistema, de modo que uma mudança mesmo em um signo que não seja vizinho de outro pode acarretar uma mudança nele. Sendo assim, pressupor que dois signos em sistemas distintos seriam sinônimos, seria ignorar que um signo é o que é pelo lugar que ocupa no sistema do qual faz parte.

<sup>24</sup> Notemos aqui que o uso da expressão "semiótica saussuriana" advém da distinção benvenistiana entre os domínios semiótico e semântico, introduzidas a partir da reflexão de Benveniste acerca da *Semiologia saussuriana*. O linguista, em "Semiologia da Língua", afirma que o domínio semiótico diz respeito ao domínio de significação próprio do signo, ao âmbito da língua enquanto sistema de signos. O semântico, por sua vez, tange ao domínio de significação discursivo, cuja unidade é a frase. É importante ressaltar que o semiótico benvenistiano em nada se relaciona ao semiótico de Peirce. O autor, ao estabelecer a distinção entre semiótico e semântico, atribui ao domínio semiótico a noção de signo saussuriana, que é impossível de existir sem fazer parte de um sistema, diferentemente da semiótica de Peirce, em que os signos não constituem sistemas e em que os signos da língua não constituem de modo algum categoria especial. Cf. BENVENISTE (1989, pp.43-67)

<sup>25</sup> Saussure levanta, ainda, a hipótese poética, na qual se sustenta que tal procedimento se assemelharia a tantos outros, como o das rimas, das assonâncias, entre outros. Cf. STAROBINSKI (1971)

poema. Ele "recria por sua conta as normas e o sentido". (BAUDELAIRE, 22, f°53 / f°305)

O princípio de linearidade também implica uma visão de valor que permite o desenvolvimento de outro princípio benvenistiano: o princípio da rima. Segundo Dessons (2006, p. 197), "esse princípio explica que o poema constroi sua própria gramática e igualmente seu próprio léxico, <os signos linguísticos comuns a todos> se tornam então <vocábulos sem semelhantes, denominações recreantes>"<sup>26</sup>. Chloé Laplantine (2008a) explica que, na poética benvenistianiana, a rima diz respeito ao arranjo (*assemblage*) de termos fora de uma dimensão sintática, de modo a escapar de uma lógica realista de linguagem. Entendemos, então, que os termos que rimam possuem seu valor estabelecido justamente pelas associações realizadas entre si. Assim como nos fonemas hipogramáticos, os valores se estabelecem não linearmente, mas entre os elementos constitutivos do hipograma.

Tanto no caso do princípio de agenciamento das palavras quanto no caso do princípio da rima, o engendramento dos valores pelo poeta também recria o sentido em uma dimensão não abarcada pelo domínio semiótico:

O poeta <Se> recria então uma semiologia nova,  
por arranjos novos e livres de palavras.  
Por seu turno, o leitor-ouvinte se encontra em presença  
de uma linguagem que escapa à convenção essencial  
do discurso. Ele deve se ajustar a ela, e recria por  
sua conta as normas e o sentido.

(BAUDELAIRE, 22, f°53 / f°305 *apud* LAPLANTINE 2008b, *tradução nossa*)<sup>27</sup>.

A partir dessa interação entre a criação do poeta e sua apropriação pelo leitor-ouvinte, dá-se a comunicação poética. Isso significa que a criação de sentidos não é exclusiva do poeta. O poeta, como diz Laplantine (2008a), desperta o sentimento, através da organização dos elementos do poema; entretanto, o modo como esse sentimento será evocado, depende não só do poema, mas da subjetividade do leitor-ouvinte, que dele se apropria e que, a nosso ver, também estabelece uma rede de valores própria a partir daqueles engendrados pelo poeta. Nessa perspectiva, são constituintes do sentido a subjetividade do poeta e a subjetividade do leitor.

Isso é de fundamental importância porque, assim, o poeta cria uma realidade individual, jamais produzida e que jamais será reproduzível, porque o valor é estabelecido entre ícones, que também são únicos em cada obra, diferentemente dos signos. Os ícones que evocam um objeto, uma emoção, justamente devido ao modo como o poeta reúne as palavras e instaura o valor: "O poeta desperta o sentimento, educa a percepção, aviva a impressão da coisa única, do jamais-percebido. Mas é ele que cria essa emoção que ele suscita, são as palavras que ele soube arranjar (*assembler*)". Assim, em todo o processo, o valor está presente, tanto em relações sintagmáticas

<sup>26</sup> "Le principe de la rime explique que le poème construit sa propre grammaire et également son propre lexique, <les signes linguistiques communs à tous, > devenant alors < des vocables sans pareils, des dénominations récréantes>".

<sup>27</sup> "Le poète <On> recrée donc une sémiologie nouvelle, par des assemblages nouveaux et libres de mots. A son tour le lecteur-auditeur se trouve en présence d'un langage qui échappe à la convention essentielle du discours. Il doit s'y ajuster, et recrée pour son compte les normes et le « sens »".

quanto associativas, mas relacionando não signos, conceituais e iguais para todos, e sim ícones, cada vez únicos. Por isso que Benveniste insiste em falar, como nota Laplantine (2008a), que o universo do poema trata-se de um universo segundo.

## 5 Considerações finais: efeitos para a semiologia

No início do artigo, insistimos acerca da abertura da semiologia e de sua importância para compreendermos a própria natureza da língua. Depois vimos o princípio do valor, ancorado no princípio da linearidade, se estender para o estudo dos anagramas. A leitura de um pensamento do todo, que não veja dois, três ou quatro Saussures distintos, é similar à perspectiva que permite com que Benveniste desenvolva sua teorização acerca da linguística e da literatura, sua poética do discurso.

Não só arte, literatura e linguística andam juntas em Benveniste, mas também o aporte teórico saussuriano se mantém como pano de fundo para o desenvolvimento da dimensão discursiva no autor.

Benveniste ultrapassa o domínio do signo e, no domínio discursivo, através de suas reflexões sobre as artes e a literatura, desenvolve outros princípios, como o princípio do agenciamento das palavras e o princípio da rima, que possuem origem nos princípios da linearidade (repensado nos anagramas) e do valor saussurianos. Assim, o linguista vai em direção ao desenvolvimento dos novos instrumentos por ele indicados como necessários no plano discursivo.

Essa tomada de perspectiva, extremamente frutífera ao pensamento benvenistianiano, foi benéfica também à teoria saussuriana. Entendemos que os desenvolvimentos da teoria benvenistianiana, a partir da semiologia saussuriana, permitem que compreendamos um pouco melhor o que Saussure queria dizer quando afirmou que, à medida que outros sistemas fossem sendo analisados, compreenderíamos mais acerca da própria natureza da língua e de seu funcionamento.

Assim, Benveniste compreendeu os ensinamentos de mestre e identificou a necessidade de "uma 'semiologia de segunda geração', cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento de outras ramificações da semiologia geral" (BENVENISTE, 1989, p. 67); além disso, contribui tanto para pensarmos a especificidade do literário quanto para repensarmos a natureza da língua.

## Referências

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP. Pontes: 1989.

CARUS, T. L. *De Rerum natura - Livro I* / Juvino Alves Maia Junior, Hermes Orígenes Duarte Vieira, Felipe dos Santos Almeida (tradutores do Latim para o Português). Bilingue. João Pessoa: Ideia, 2016.

CHIDICHIMO, A. L'évolution du terme 'sémiologie' chez Saussure: 1881-1891. In: *History of Linguistics*, Selected Papers from the 12th International Conference on the History of th

Language Sciences (ICHoLS XII), Saint Petersburg, 28 August - 2 Sept., 2011, pp. 103-113.

DESSONS, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Press, 2006.

HENRIQUES, E. M. *Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas: uma relação entre a fala e a história*. 2019. 151f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

LAPLANTINE, C. *Émile Benveniste: poétique de la théorie : publication et transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire*. 2008a. 328f. Tese (Doutorado). Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis, 2008a.

LAPLANTINE, C. *ANNEXES - Fascicule 1- Transcription diplomatique et reproduction des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire par Emile Benveniste*. 2008b. 750 f. Tese (Doutorado). Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis, 2008b.

MESCHONNIC, H. Benveniste: sémantique sans sémiotique. *Linx* [En ligne], v. 9, pp.307-326, 2012.

PROSDOCIMI, A. Sul Saussure dele leggende germaniche. *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Genève: Librairie Droz S.A, n. 37. p. 35-106, 1983.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale (CLG/E)*, Tome 1-3, édition critique par Rudolf Engler, Harrassowitz, Wiesbaden, 1968.

SAUSSURE, F. de. *Deuxième Cours de Linguistique Générale/Second Course in General Linguistics (1908-1909): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger & Charles Patois* (Ed. e trad. E. Komatsu e G. Wolf). Oxford/Tokyo u.a.: Pergamon, 1997.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, K. A. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. *Letras & Letras*, Uberlândia 25 (1) 145-160, jan./jun. 2009, pp. 145-160.

SILVEIRA, M. D. da. *Entre linguística e poesia: dos anagramas de Ferdinand de Saussure à função poética da linguagem*. 2020. 85f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

SOUZA, M.O. Os anagramas de Saussure: seu modo de presença nos estudos da linguagem. *Investigações* (Online), v. 26, pp. 1- 31, 2013.

SOUZA, M. O. *Anagramas de Saussure: um percurso pelo lado pitoresco das línguas*. 2017. 150 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017.

STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

TURPIN, B. Discours, langue et parole. Une comparaison entre la réflexion sur les anagrammes et les études sur les légendes. *Linx*, n. 7, 1995.

Recebido em: 04/04/22

Aceito em: 18/07/22